

9.08.00.00-1 – CIÊNCIAS SOCIAIS

7.03.00.00-3 - Antropologia

JOVENS INDÍGENAS NA CIDADE DE SÃO PAULO

Amanda dos Reis Fraga– ORIENTANDA(O)

Curso Ciências Sociais - Faculdade de Ciências Sociais

amandafraga@hotmail.com

Lucia Helena Vitalli Rangel – ORIENTADOR(A)

Departamento de Antropologia – Faculdade de Ciências Sociais

lucia.rangel@uol.com.br

Tal artigo se propõe a apresentar os resultados obtidos em pesquisa dentro do grupo “Jovens Urbanos”, da PUC – SP, filiado a CLACSO. Este projeto buscou compreender a relação entre duas categorias que, a princípio, podem parecer conflitantes – “jovens” e “indígenas” – a partir das diversas perspectivas do jovem indígena na cidade de São Paulo, com suas particularidades referidas à sua cultura e inserção no contexto urbano. . A pesquisa foi realizada por meio de acompanhamento virtual das ações nos blogs, sites e redes sociais de diversos povos, questionários escritos aplicados aos estudantes do Programa Pindorama/PUC SP e levantamento teórico-bibliográfico. Procedeu-se a observação de diferentes formas de relacionamento com a cidade, com o uso da internet e de outras mídias. Optou-se por estudar os povos Guarani M'Bya e os Pankararu em sua relação com a metrópole, a universidade e as mídias digitais. Tais relações ainda são permeadas pelo preconceito e exclusão, produto de visões pré-concebidas do que é o indígena, suas potencialidades e seu lugar na história.

Palavras-chave: Jovens Indígenas, Universidade, Internet.

Introdução

O ambiente urbano foi durante muito tempo proibido para os indígenas, mas atualmente permite a interação entre pessoas oriundas de diferentes

locais e povos. A cidade de São Paulo abriga, segundo o Censo Demográfico de 2010, mais de 12,9 mil indígenas¹, e segundo o levantamento realizado pela ONG Opção Brasil, são mais de 52 etnias vivendo na Grande São Paulo², se inserindo nela de formas diversas e historicamente diferentes. Tais povos são praticamente invisíveis para os habitantes da cidade e para o poder público, que muitas vezes os ignoram por não corresponderem ao imaginário popular de que é e como vive o “índio”, ou por interesses políticos, já que o reconhecimento traz implícito em si a garantia de políticas públicas de assistência a essas populações, que vivem na maioria das vezes em situações de marginalização e falta de acesso aos serviços básicos. Esses diferentes modos de vivência marcam os vários povos, que ao adentrar as cidades e nelas permanecer podem ou não assimilar o modo e dinâmica de vida. Emblemáticos dessa diversidade interna são os casos dos Guarani, que vivem em Terras Indígenas³ dentro da cidade, e os Pankararu⁴, residentes no Real Parque, uma das favelas mais conhecidas de São Paulo.

Em seu processo de expansão territorial, a cidade de São Paulo engoliu as quatro aldeias Guarani: Tekoa Ytu e Tekoa Pyau, na Zona Oeste e as Tenodé Porã e Krucutu na Zona Sul. Mesmo supostamente apartadas, as aldeias passam por um processo de “integração” com as lógicas capitalistas, pois a falta de terras impede a plantação e criação de animais. Foram transformados pelas políticas públicas em “beneficiários do Estado”, além da monetarização de práticas culturais como o artesanato, que passam a garantir o sustento do grupo.

¹ O Censo 2010 contabilizou 11.918 no perímetro urbano e 1.059 no rural, número inferior ao do Censo 2000 que contabilizou 18.600 indígenas no total na cidade.

² São elas: Aranã, Atikum, Baniwa, Cinta Larga, Fulni-ô, Geripankó, Guajajara, Guarani Kaiowá, Guarani Mby'a, Guarani Nhamdeva, Kaimbé, Kaingang, Kalapalo, Kambiwá, Kamayurá, Kanela, Kantaruré, Kapinawá, Karajá, Kariri, Kariri – Xocó, Katokim, Kaxinawá, Kayabi, Kayapó, Krenak, La Klãnõ, Macuxi, Munduruku, Mura, Nhambiquara, Pankará, Pankararé, Pankararu, Pataxó, Pataxó Hã Hã Hãe, Potiguara, Puri, Tapeba, Terena, Ticuna, Tremembé, Truká, Tukano, Tuxá, Tuyuka, Wassu Cocal, Xavante, Xerente, Xukuru de Ororubá (Pesqueira - Pernambuco), Xukuru – Kariri, Yanomami. Fonte: Tabela das etnias da Grande São Paulo – Projeto “Índios na Cidade” – ONG Opção Brasil – Disponível em: <<http://projetoindiosnacidade.blogspot.com/2009/08/tabela-das-etnias-da-grande-sao-paulo.html>>. Acessado em: 18/01/2011.

³ Terras Indígenas são perímetros territoriais demarcados por lei, tradicionalmente ocupada pelos indígenas e habitada em caráter permanente, utilizadas para as suas atividades.

⁴ Habitam atualmente em São Paulo mais de três mil Pankararu, formando o maior povo em número vivendo nesta cidade.

Tais práticas, aliadas às mudanças no trato com a natureza e os cercamentos de terras, vão produzindo mudanças gradativas na vida das aldeias urbanas, mudanças que não se dão de forma pacífica, mas sim geram resistências as vezes não tão claras como, por exemplo, o uso, mesmo que proibido, do Parque do Jaraguá para coletas, rituais religiosos e mesmo recreação, mantendo mesmo que em menor grau sua relação com a natureza.

Outros povos chegaram a São Paulo advindos da migração que acompanhou o processo histórico de busca de trabalho e melhores condições de vida. Como grande parte dos residentes das periferias paulistas, os Pankararu são migrantes provindos da Região Nordeste do Brasil .

Muitos desses contingentes indígenas agregaram-se aos surtos migratórios provenientes do Nordeste desde a década de 1950, atraídos pela industrialização paulista e pela urbanização que empregou grande número de pessoas na construção civil. Foi assim que os Pankararu foram morar na favela do Real Park, a partir de seu engajamento como mão de obra na construção de casas e do Estádio de futebol no bairro do Morumbi. Com o passar do tempo as famílias continuaram a migrar e adensaram a população da favela e dos outros lugares acima mencionados. Hoje, a maioria dos jovens Pankararu já são nascidos em São Paulo⁵.

Nesse contexto, os jovens indígenas de nossa cidade organizaram-se de diversas formas, dependendo do povo que tomamos por referência, seja “o jovem indígena urbano, nascido nas cidades e em suas periferias, ou o migrante recente” que “se insere como estudante, como trabalhador ou estudante-trabalhador, compartilhando o mundo cultural e o estilo de vida próprios da cidade”⁶.

Os Guarani em São Paulo

Os Guarani residentes em São Paulo hoje são majoritariamente M'Bya, habitando quatro aldeias, duas na Zona Sul , no distrito de Parelheiros, Tekoa Tenonde Porã e Tekoa Krukutu, e duas aldeias na Zona Oeste, no bairro do Jaraguá, Tekoa Pyau e Tekoa Ytu, com organização própria, porém mantendo intenso intercâmbio, fator cultural muito importante entre os Guarani. Essas terras são pequenos perímetros territoriais, casas aglomeradas, principalmente

⁵ VALE; RANGEL, 2008.

⁶ VALE; RANGEL, 2008.

no caso das aldeias da Zona Oeste da Cidade, diferente de antigamente quando as terras eram terras extensas, apropriadas para agricultura e caça.

Em uma aldeia dentro da cidade, os jovens estão em constante circulação entre a aldeia e a cidade. Esses “trânsitos” são marcados tanto pela discriminação dos não-índios, olhando-os muitas vezes como pedintes e desocupados, quanto por outro lado pelo contato com a tecnologia e a automação, incorporando-os de forma gradativa às suas vivências em comunidade. As relações estreitas nesse espaço urbano são permeadas também pelos modos de vida na cidade, que acabam influenciando nas visões de mundo, muitas vezes com o postergar do casamento, e em muitas aldeias aparecendo uma nova categoria: a dos jovens solteiros.

Esses jovens são muitas vezes tidos como culpados pelas mazelas vividas pelo grupo, vistos como “dissidentes” e se tornando alvo de pressões e “coerções” internas do grupo, que procura manter a coesão e a valorização de suas tradições com afinco. Mesmo com tais “desentendimentos”, esses jovens tem se tornado o elo de ligação entre a comunidade e o mundo extra-aldeia, por meio de seus trabalhos, estudos e da tecnologia. Como qualquer jovem, eles tem facilidade de assimilar e operar os equipamentos e ferramentas digitais, se tornando muitas vezes produtores e divulgadores de sua própria cultura, a partir do seu olhar.

Do nordeste à periferia de São Paulo: Os Pankararus

A realidade de expulsão do campo para a cidade também se mostra entre os indígenas que, como outros, se tornaram retirantes em busca de um futuro melhor, emprego e condições de vida mais dignas. Originários da Terra Indígena Pankararu, em Brejo dos Padres – Pernambuco, chegaram em São Paulo nos surtos migratórios da década de 1950, para as construções do no bairro do Morumbi. Com o intuito de permanecerem próximos de seus trabalhos, eles, em sua grande maioria, ocuparam o que hoje é conhecido como a Favela Real Parque, que conta com pouca infra-estrutura e alto nível de pobreza.

Eu não queria que eles [meus filhos] passassem pelo que eu passei. Vivendo de roça, trabalhando em cima das serras, sendo que as terras melhores os posseiros que tinham. Então chega a hora que a

gente planta e vê morrer por causa do sol. Aí a gente cai em desespero. E é obrigado a tentar a sorte na terra dos outros.⁷

Atualmente, os jovens Pankararu são jovens da cidade, com as vivências, anseios e modo de vida comum aos outros de sua idade, sendo seus problemas de infra estrutura e habitação em São Paulo mais relativos a vida na favela de uma grande metrópole do que ao modo de vida indígena. Contudo, mantém vivas as tradições como a do Praiá e do Toré, utilizando-as como bandeira de inserção e reconhecimento pela comunidade e passando assim a serem reconhecidos como grupo étnico indígena, elemento importante para sua atuação política.

O povo Pankararu tem em sua origem a mistura do índio com o negro, fazendo com que muitos não os reconheçam enquanto indígenas por não corresponderem ao padrão tupi - a imagem de índio genérico, com os olhos puxados e os cabelos lisos - muitas vezes sendo discriminados duas vezes, por ser indígena e por terem traços negros.

Jovens indígenas e os usos da internet

Para os jovens indígenas essa conexão cada vez mais bate às portas, em maior grau para os que moram na cidade ou próximos a ela, tendo a internet como uma janela para o mundo. Nos grupos essencialmente urbanos, a inserção na internet e nas redes sociais se dá de forma similar aos jovens não-índios, sendo muito mais relacionada ao estrato social do que ao povo/etnia a que pertence. Por outro lado, as aldeias poucas têm conexão à rede, estando os pontos de acesso presentes principalmente nas comunidades com escolas.

Com a indústria cultural se refazendo, os jovens indígenas se tornam autores e emissores de informação, reformulando e reinventando os usos e significações dadas. A tradicional oralidade ganha por meio destes recursos registros de áudio e vídeo, assim como animações que os divulgam e mantêm um arquivo, importantíssimo para trocas entre povos com comunidades distantes ou mesmo desligadas. Com a câmera de vídeo, por exemplo, possibilita-se gravar o cotidiano, escrever seus relatos a partir de seus pontos

⁷ Bino Pankararu *in* "Do outro lado do rio – os Pankararu do Real Parque"

de vista e divulgá-los. A internet cria condições para que os povos indígenas tenham horizontalidade em seus meios de comunicação, por meio do registro, difusão e diálogo entre as culturas. As tecnologias digitais permitem uma construção coletiva de idéias e mudanças, sem hierarquias fixas e autoritarismos corporativistas⁸. Sinais positivos aparecem nas redes sociais apesar do preconceito, muitos jovens assumindo seu povo nas redes sociais⁹, nessa ânsia de pertencimento, na busca de reafirmação da identidade e de grupo. Entretanto nem tudo é positivo, e a internet pode muitas vezes trazer a ilusão de liberdade e de acesso à verdade por meio da informação, pois

Logo, esse jovem, conectado com este universo, imagina que tem todas as informações do mundo e na verdade não as tem. As comunidades devem se preparar para discutir o que querem desses espaços virtuais, como podem aproveitar de maneira melhor do que fez e faz a nossa sociedade¹⁰.

Discutir assim a internet e o que se quer dela faz-se assim necessário, já que a rede é plural e multifacetada, apresentando ao usuário diversos “mundos”, muitos deles ilusórios e condicionantes.

Jovens Indígenas e o acesso à Universidade

Apesar da intensa reivindicação de organizações indígenas, iniciativas de acesso ao ensino superior começaram a ser desenvolvidas apenas no início do século XXI, ainda tímidas e esparsas¹¹. Tais iniciativas aparecem no formato de cotas, bolsas e criação de universidades indígenas, além de cursos para formação de professores indígenas, sendo consideradas políticas polêmicas e gerando discussões se tais bolsas de estudo seriam um agravante das situações de discriminação, muitas vezes vistas como favorecimento ou

⁸ O uso dessas mídias é o mais diverso possível, existindo sites de divulgação de atividades culturais, de denúncias das violências sofridas pelos povos indígenas, de produção de áudio visual intra-aldeias, de mobilização política, etc., assim como vídeos retratando as principais atividades culturais históricas como o Toré⁸, composições musicais, dia a dia na aldeia, depoimentos, etc., lutando pela visibilidade e contra a marginalidade imposta.

⁹ Ex: Jacinto Guarani.

¹⁰ Ibid

¹¹ A primeira iniciativa de disponibilização de vagas para indígenas na universidade acontece no Estado do Paraná¹¹, sendo acompanhada pela Universidade do Mato Grosso, que foi pioneira na formação de professores indígenas pelo curso superior de Licenciatura Intercultural, funcionando como o estopim de várias outras iniciativas que foram surgindo.

acesso de incapazes à universidade, argumento contrariado pelas altas médias de ensino de bolsistas e cotistas nas universidades.

Se é garantido o acesso de alguns ao ensino superior, contudo não se assegura meios para sua permanência. O mais recente censo educacional realizado pelo INEP¹², em 2008, aponta que o acesso de indígenas à universidade ainda é muito baixo. Além do difícil acesso, eles enfrentam grandes dificuldades de permanência e conclusão dos cursos, pois “a evasão de universitários indígenas atinge uma média anual de 22%¹³”. A evasão tem se mostrado ainda maior com os nascidos em aldeias, pela difícil adaptação e embate de valores, assim como a mudança cultural e lingüística, além do forte preconceito.

Diante dessa realidade, a FUNAI criou em 2004 um programa-convênio com universidades, onde repassa ao aluno um valor de apoio financeiro para que ele possa se manter na universidade, servindo como incentivo ao estudo. Essa bolsa, porém, além de financeiramente pequena¹⁴, tem baixo alcance e começa a regredir nos últimos anos¹⁵. Mas apesar das dificuldades enfrentadas, esses jovens tem se mostrado otimistas, e valorizado cada vez mais o ensino universitário

A Universidade para mim, enquanto indígena, que era um sonho hoje é uma grande realidade, principalmente se analisarmos a situação financeira de cada um de nós, que não dispúnhamos de dinheiro nem para pagar a inscrição do vestibular. A educação universitária significa para nós uma forma de luta, para revelarmos nossa potencialidade, que sempre foi colocado em questão, e colocarmos por terra os preconceitos históricos acerca dos povos indígenas, que sempre foram vistos como pessoas submissas, um “pau mandado”. Não queremos ser gerentes de multinacionais, mas buscamos apenas um trabalho digno e nossos direitos enquanto indígenas. O estudo é fundamental para nos prepararmos e conquistarmos nossos objetivos, com uma visão crítica e construtiva da sociedade.¹⁶

¹² Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

¹³ Jornal Folha de São Paulo 15/01/2007.

¹⁴ Valor de R\$ 300 reais.

¹⁵ Um dos casos de programas de acesso para indígenas à universidade é o Programa Pindorama da PUC SP, onde atualmente mais de 40 jovens de diversos povos tem bolsas de estudos. O programa tem perdido gradualmente as bolsas da FUNAI, restando uma média de 14 bolsas para mais de 40 alunos, o que os obriga a ratear o valor entre todos, resultando em um valor de mais ou menos R\$100 reais/mês por aluno.

¹⁶ Edcarlos Pereira do Nascimento, Pankararu, 26 anos, formado em *Serviço Social*. Fonte: Relatório Pindorama.

O acesso à universidade tende a aumentar com projetos de cotas e incentivos que estão em processo, porém ainda é pouco. Faz-se necessário repensar o papel da universidade não só para o indígena, mas também para o que queremos dela. É necessário um acompanhamento mais aprofundado da inserção desse jovem na universidade, assim como dos casos de evasão para entender as motivações e dificuldades que levam esses jovens a abandonarem seus cursos.

Na cidade, na internet, na universidade e em outros lugares, os jovens indígenas estão em trânsito, com trocas constantes, assumindo alguns signos e valores que se articulam, mas também muitas vezes reafirmando suas identidades. A forma como eles se mostram pode ser tanto voltada para a auto identificação, quanto ser velada, mas sempre permeadas por princípios englobantes e englobados, estando o preconceito em todos os lugares. Temos sempre que lembrar que, antes de tudo, eles são jovens como qualquer outro e dessa maneira têm, por um lado, anseios e vontade de serem aceitos e, por outro, um lugar de pertencimento que os marca na sua trajetória de vida.

Bibliografia

ARRUDA, Rinaldo Sérgio Vieira. *Imagens do Índio : signos da intolerância*. In GRUPIONI, Luís D. B; VIDAL, Lux Boelitz; FISCHMANN, Roseli (Orgs.). Povos indígenas e tolerância: construindo praticas de respeito e solidariedade. São Paulo: Edusp, 2002.

IBGE. *Tendências Demográficas: uma análise dos indígenas com base nos resultados da amostra dos censos demográficos 1991-2000*, 2005.

LÉVI-STRAUSS, Claude. "Introdução à obra de Marcel Mauss" in MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003. pp 11-46.

RIBEIRO, Darcy. *Os Índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

RICARDO, Carlos Alberto. *Povos indígenas no Brasil: 1996-2000*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2000.

VALE, Claudia Neto do; RANGEL, Lucia H. V. Jovens indígenas na metrópole. *Revista Ponto e Vírgula*, São Paulo, Vol. 4. pp. 254-260, 2008.